



## A DIVISÃO DO TRABALHO NOS TEMPLOS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM PORTO VELHO, RONDÔNIA

Nilza Menezes\*

**RESUMO:** Este trabalho faz algumas abordagens sobre a divisão do trabalho nos chamados terreiros ou casas de santo, que são os templos das religiões afro-brasileiras. As pontuações são pautadas em entrevistas e observação dos rituais e atividades em casas religiosas na cidade de Porto Velho, Rondônia. A motivação para a pesquisa se deu em razão da observação do grande número de mulheres adeptas, lideradas por sacerdotes do sexo masculino, numa religião que geralmente estabelece as atividades religiosas em espaços domésticos. Por isso, buscamos analisar como se estabelecem os papéis de gênero com relação à divisão do trabalho nos espaços religiosos.

**Palavras-chave:** Gênero, Trabalho, Violência e Religiões Afro-brasileiras.

### THE DIVISION OF LABOR IN THE AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS TEMPLES IN PORTO VELHO, RONDÔNIA

**ABSTRACT:** This paper makes some approaches to the division of labor within the so-called holy houses or yards, which are the temples of Afro-Brazilian religions. Scores are based on interviews and observation of the rituals and activities in religious houses in the city of Porto Velho, Rondônia. The motivation for the research was due observation of the large number of women devotees led by male priests, a religion that usually establishes the religious activities in domestic spaces. Therefore, we analyze how to establish the roles of gender in relation to the division of labor in religious spaces.

**Keywords:** Gender, Labor, Violence and Afro Brazilian Religions.

---

\* Doutoranda e Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora\Netmal.

## LA DIVISIÓN DEL TRABAJO EN LOS TEMPLOS DE LAS RELIGIONES AFROBRASILEÑAS EN PORTO VELHO, RONDONIA

**Resumem:** Este trabajo aborda la división del trabajo dentro de los llamados terreros o casas de santo, que son los templos de las religiones afro-brasileras. Las conclusiones están pautadas en entrevistas y observación de los rituales y actividades en casas religiosas de la ciudad de Porto Velho, Rondônia. La motivación para la investigación se dio a partir de la observación de un gran número de mujeres adeptas lideradas por sacerdotes de sexo masculino, en una religión que, generalmente establece las actividades religiosas en espacios domésticos. Por esta razón, buscamos analizar cómo se establecen los roles de género con relación a la división del trabajo en espacios religiosos.

**Palabras clave:** Género, Trabajo, Violencia y Religiones Afro-Brasileñas.

Muito embora haja uma preocupação em dissociar religião e atividades humanas, tratando a primeira como algo sobrenatural, na verdade ambas estão fortemente relacionadas, demarcando espaços e influenciando as ações. Conforme Sandra Duarte de Souza, “a religião é, antes de tudo, uma construção sociocultural” (2004, p. 122-123), que está sempre em processo de transformação, abrindo possibilidade de novas abordagens. Com relação aos estudos de gênero e religião, as pesquisas vêm avançando e indicam um campo de muitas perspectivas. Se entrecruzarmos gênero, religião e trabalho, ampliaremos um pouco mais o olhar sobre questões fundamentais da estrutura religiosa.

A partir da observação da masculinização das lideranças, a proposta deste trabalho é construída na perspectiva de gênero, que conforme Joan Scoot (1990, p. 8), nos permite observar a organização social das relações entre os sexos. Por isso, buscamos observar como se estabelecem as relações de trabalho nos espaços das práticas religiosas afro-brasileiras, pontuando a especificidade desses espaços, que geralmente funcionam no mesmo lugar da residência dos sacerdotes e sacerdotisas ou anexo às suas casas.

As práticas religiosas de matriz africana envolvem uma gama de atividades rituais e litúrgicas relacionadas com os alimentos e o cuidado com o outro. A forma com que essa religiosidade foi estruturada no

processo da diáspora africana para o Brasil, fez com que ela se estabelecesse obedecendo ao processo sucessório matrilinear (BERNARDO, 2005). As suas atividades se davam no espaço doméstico e, conforme Edison Carneiro (2008, p. 124) era “um ofício de mulher”. Na pesquisa da antropóloga Ruth Landes (2002), realizada nos anos de 1930 nas casas de práticas religiosas afro-brasileiras na cidade de Salvador, Bahia, a mulher estava mais apta e capacitada para exercer o sacerdócio. No entanto, observamos, nas últimas três décadas, o aumento significativo de homens exercendo o sacerdócio, o que implica uma transformação, que pode apresentar novas formatações do campo religioso afro-brasileiro.

As transformações ocorridas nas últimas décadas deram maior visibilidade às práticas religiosas afro-brasileiras, retirando-as, ainda que lentamente, do fundo dos quintais, permitindo a sua manifestação, exigindo respeito, rompendo com preconceitos e violências, passando por um processo branqueador e de atravessamento de fronteiras sociais. Isso também acabou por expor e apresentar outras características. Uma delas foi a masculinização das lideranças, que pode ser observada para além dos importantes redutos fundadores de Salvador e São Luís. Ressalvadas as características desses dois lugares, onde floresceram as práticas religiosas afro-brasileiras em espaços dirigidos por mulheres e que assim se mantiveram no transcorrer do século XX, nas outras regiões brasileiras, a expansão das práticas e a masculinização foram um processo crescente.

Porém, esta ainda é tratada como uma religião na qual as mulheres exercem poder, pela presença delas na condição de sacerdotisas e chefes das suas casas religiosas. Os estudos fundantes que abordam o tema pontuam a característica matriarcal ou matrilinear (LANDES, 2002; CARNEIRO, 2008; BERNARDO, 2005). No entanto, estudos com abordagens de gênero nos permitem perceber tensões (SEGATO, 1995; BIRMAN, 1995; FERRETTI, 2007), o que nos leva a pensar numa nova configuração do campo religioso, que apresenta uma marcada masculinização e a nova organização das casas a partir do masculino nos indicou a existência de violências de gênero.

Em pesquisa realizada na cidade de Porto Velho, Rondônia, as práticas religiosas afro-brasileiras são registradas no local a partir de 1912-

1917 (LIMA, 2005). As primeiras casas fundadas tinham direção feminina e apresentavam estrutura de que o processo sucessório se daria pelo modelo matrilinear. No entanto, no desenvolvimento e transformações as lideranças foram se masculinizando, conforme dados do campo<sup>1</sup>.

Os espaços sagrados são demarcados pela divisão sexual do trabalho e isso pode agregar tensões extremamente violentas, mas que, pelo seu caráter simbólico, se justificam pelo sobrenatural e são explicitadas por meio de representações de maneira inconsciente, justificando-se, conforme pontuaram as nossas entrevistadas, como um trabalho aos deuses e não aos homens. Por diversas vezes, ouvimos as mulheres dizendo que se esforçavam e trabalhavam porque o que estavam fazendo era para os orixás e não para os sacerdotes.

Conforme já anotamos, a percepção dos envolvidos é esfumada pelo sobrenatural e tanto o violentador\violentadora quanto violentados\violentadas não possuem clareza sobre o que os incomoda. No entanto, nas conversas, e principalmente nas dissidências e na ocorrência de frequente trânsito dos adeptos e adeptas pelas casas, intuímos que a movimentação é resultado do desconforto e insatisfação, além da busca pessoal.

O desconforto é causado pela forma com que se dá a divisão sexual do trabalho, especialmente nas casas dirigidas por homens, nas quais as tarefas de trabalhos domésticos são destinadas às mulheres, causando cansaço. Em decorrência disso, elas acabam ausentes dos trabalhos relacionados mais diretamente com o exercício do poder religioso, como os sacrifícios e contato com o público.

Essa é uma questão marcante na nossa pesquisa em razão da ambiguidade apresentada, que nos remete ao que pontua Pierre Bourdieu (2005) sobre a violência simbólica que se instala de forma inconsciente pelos seus agentes, seja o violentador ou o violentado. Apesar do

<sup>1</sup> Conforme dados apontados pelas pesquisas, as religiões afro-brasileiras se instalam na cidade de Porto Velho Rondônia, a partir de 1912. As informações registram a presença de Mãe Esperança Rita, negra maranhense, como a sacerdotisa da primeira casa religiosa da cidade. Logo depois, na década de 1920, é registrada a presença de Cecy Bitencourt, conhecida por Chica Macaxeira, que exerceu o sacerdócio, sendo reconhecida como pessoa de grande importância na cidade. A partir dos anos de 1960, as lideranças passam a ser masculinas. Atualmente conforme dados fornecidos pela ACCUNERA (Associação do Centro de Cultura Negra e Religiosidade Afroamazônica), a cidade conta com 106 casas, sendo que 52 são dirigidas por mulheres e 54 por homens.

desconforto e das reclamações, as mulheres nos aparecem resistentes às mudanças, pois consideram aquele o lugar social da sua condição feminina. As justificativas, ancoradas em fundamentos religiosos marcados por interditos, tornam-se tabus, e, portanto, não questionáveis.

Ao indagarmos diretamente sobre a divisão do trabalho, a resposta mais frequente foi de que às mulheres sempre cabem tarefas mais domésticas, ou seja, relacionadas com a cozinha, a limpeza, pontuando que aos homens ficavam as tarefas mais ligadas à limpeza do templo e cuidados religiosos. Entendendo que essa limpeza do templo era com relação aos objetos religiosos e os chamados assentamentos<sup>2</sup>. Nas observações feitas nas casas, presenciamos os preparativos religiosos de festas e rituais. Geralmente, enquanto as mulheres cuidavam da roupa dos homens, da limpeza dos espaços comuns, e da cozinha, os homens circulavam supervisionando, observando, dando palpites e realizando tarefas sagradas como o preparo de oferendas, o cuidado dos tambores, e a organização estética do espaço do ritual.

Alguns homens realizavam tarefas consideradas femininas e circulavam pelos espaços tratados como femininos, como a cozinha, e, conforme pontuações de adeptos e adeptas, eles, às vezes, ajudavam, preparando uma comida específica, especialmente quando era para muita gente e era preciso lidar com panelas pesadas e grande quantidade de alimento. Enquanto isso, as mulheres se dedicavam a deixar a cozinha limpa, a cortar temperos, auxiliar e faziam a limpeza posterior. Lavar a louça, secar e guardar; limpar o chão e lavar banheiros, geralmente era trabalho das mulheres. Observamos, em algumas casas, os homens sendo designados para essas tarefas – porém, depois, as mulheres precisavam refazer. Elas diziam que os banheiros ficavam encardidos e malcheirosos. Assim, eles eram ajudantes eventuais de tarefas que precisavam de mais “jeito feminino”.

Apesar disso, mesmo quando realizamos entrevistas com as mulheres, elas tinham dificuldade em afirmar as tensões com relação à divisão sexual do trabalho, que ocorre de forma naturalizada, com os homens realizando serviços mais pesados, como sacrificar animais, carregar ob-

<sup>2</sup> Assentamentos são os objetos sagrados depositados nos altares ou quartos destinados aos mesmos. Podem ser de um simples copo ou pedra a um conjunto completo de louça, composto de sopeira ou tigela, pratos e outros objetos e que são destinados ao uso do ritual e dos orixás.

jetos, tocar os atabaques, e ainda dão ao espaço religioso segurança, assim como, as mulheres emprestam aos locais a respeitabilidade afirmada por Patrícia Birman (1995). Observamos também que muitas mulheres que detinham poder nas cozinhas evitavam deixar homens circulando pelo espaço. Elas pediam para que eles saíssem, fazendo uso do dito popular: “Cozinha não é lugar de homem”. Mesmo sendo a cozinha um lugar de trabalhos cansativos, é um espaço de controle delas, portanto de poder, que elas brigam para manter, mesmo reclamando do cansaço e da falta de compreensão e colaboração dos homens.

Os discursos dos homens são de que as mulheres são muito importantes na estrutura religiosa. São elas que oferecem sustentação para a organização das casas. Contudo, eles não possuem entendimento de que o trabalho doméstico cansativo, não remunerado ao qual são submetidas, torna-as aliadas do poder. Ao estabelecer a ordem de trabalho e divisão sexual das tarefas, os homens não a percebem enquanto violência e sim como a ordem natural das coisas, o que conforme Conceição Osório (2011), “reproduz a situação de desigualdade como natural à diferenciação sexual”.

Nas casas dirigidas por mulheres, apesar da prática de utilizar alguns homens para realizar tarefas específicas como tocar os tambores e realizar sacrifícios de animais de maior porte, como cabras e carneiros, a organização da casa (templo) e as atividades gerais são, normalmente, coordenadas por mulheres. Nas casas dirigidas por homens, quando eles são os representantes públicos da casa, comparecendo a eventos, e realizando os trabalhos rituais, geralmente possuem um grande número de mulheres que os auxiliam, dando-lhes suporte. Este geralmente é dado com a realização do cuidado dos objetos sagrados, comidas, e roupas extremamente volumosas e trabalhosas que necessitam ser engomadas; especialmente no candomblé, que possui rituais elaborados e luxuosos. No caso da Umbanda e outras práticas, com rituais mais simplificados, essa estrutura se apresenta menos tensa, não deixando, contudo, de se estabelecer uma organização de trabalho nas estruturas das representações de gênero naturalizadas, destinando-se às mulheres as atividades “mais femininas”.

Por diversas oportunidades, ouvimos sacerdotes comentarem a importância das suas *ekedes* (sacerdotisas auxiliares que não entram em transe). Eles elogiavam o trabalho das mulheres da sua comunidade religiosa, pontuando que elas eram as organizadoras de todo ele. Que ficavam cuidando do barracão e permitiam que eles resolvessem os problemas externos dos templos, participando de eventos públicos, e que quando chegavam tudo estava em ordem, limpo e preparado por elas.

Essas afirmações, feitas pelos sacerdotes de maneira informal, eram passíveis de serem observadas sempre que estávamos nos templos. Enquanto eles jogavam búzios, atendiam as pessoas, as mulheres trabalhavam arduamente nas atividades tipicamente domésticas e femininas como limpar, cozinhar, lavar, organizar, preparar banhos de ervas, enfim atividades do espaço privado.

Em decorrência dessa organização, as mulheres acomodam-se nessas atividades, e após longas horas de tarefas braçais, ficam cansadas, perdendo o interesse por atividades públicas. Isso acaba no decorrer do tempo por distanciá-las, cedendo aos homens essa obrigação pública, sendo relegadas a papéis publicamente secundários, resultando em seu anonimato.

No caso inverso, de ser uma sacerdotisa, quando possuía ajudantes, geralmente eram outras mulheres. Isso refletiu nas respostas dadas. Rita da Oxum, sacerdotisa, negra, dirigente do Templo de Fé e Caridade Águas da Oxum, quando perguntada se havia diferença nos procedimentos entre homens e mulheres na direção das casas, nos respondeu:

*Claro que muda. A gente procura mais auxílio das mulheres. Aqui, a Inara me ajuda a cortar. Se não tiver ninguém, é a Inara. Eu gosto de trabalhar mais com as mulheres, eu acho homem meio destrambelhado. Elas entendem melhor a minha língua.*

Percebe-se claramente pelas entrevistas, que há um entendimento de que a mulher parece ter qualidades específicas e necessárias à organização dos cultos. Mesmo os homens, quando perguntado sobre quem era mais apto para dirigir uma casa, respondiam que as mulheres, em razão de serem mais organizadas, mais sensíveis, mais mães. Isso, no entanto, nos remete a “qualidades” que fazem parte das representações



sobre o feminino. Por outro lado, nas falas das mulheres, as atividades para as quais necessitavam de homens eram apenas para sacrifícios de animais maiores e para bater o tambor, funções consideradas masculinas pela necessidade do uso de força.

Com relação à divisão do trabalho, em pergunta específica para as mulheres, elas demonstram que as representações sobre masculino e feminino se apresentam de forma marcada. Conforme a entrevistada Sigrid Gouveia, branca, nível superior e adepta,

Mulher faz mais serviço de cozinha e limpeza. Os homens, as tarefas mais ligadas aos trabalhos espirituais da casa, coisas que parecem que mulher não pode estar mexendo. Principalmente quando a mulher está menstruada, que não pode fazer quase nada.

Também a questão da força é pontuada, sendo inclusive reforçada pelas próprias mulheres que designam aos homens tarefas entendidas como que demandando força e resistência, pontuando a fragilidade do corpo feminino que limita e exclui. Rita da Oxum, sacerdotisa, negra dirigente do Templo de Umbanda Fé e Caridade Águas da Oxum, ao se referir à condição feminina, disse:

*É, a gente é mais delicada. Por mais que a gente queira ser guerreira e diga: Vou construir essa casa, ela se quebra todinha. Ela faz só que depois ela vai sentir. Já o homem levanta dez casas e está tudo bem pra ele.*

Percebemos que mesmo tendo consciência das questões que envolvem violência e exclusão, elas são vistas como da própria natureza feminina. Para a *ekede* Bruna Marine, nível superior, branca, o estabelecimento das tarefas se dá da seguinte forma:

Os homens limpam o barracão que é trabalho mais pesado. Coisas como recolher os bancos, os atabaques, carregar objetos pesados é tarefa deles. As mulheres cuidam mais da cozinha, mas também limpam o terreiro, como varrer, passar pano no chão.

Conforme se percebe, a ordem da distribuição do trabalho é percebida pelas mulheres como causadora de algum desconforto, mas não



pensada como uma exclusão das relações de poder, sendo às vezes até reforçada como uma ordem natural. Para a *ekede* Raquel, nível superior, negra,

Os serviços de limpeza, lavar louça, normalmente são feitos pelas mulheres, mas não há nada que impeça os homens de fazerem. Aqui na casa, eles ajudam na cozinha. O *ogã* Geraldo, por exemplo, faz comida de festa. Agora comida de *orixá* e limpeza são as mulheres que cuidam.

Assim, entendemos que, nos espaços das religiões afro-brasileiras, as relações de gênero são estabelecidas obedecendo à naturalização dos papéis sexuais estabelecidos socialmente. Parece-nos também que, apesar das suas características, diferenciadas pelo importante papel da mulher no seu surgimento e estabelecimento, no processo de visibilidade e reconhecimento das práticas religiosas, ocorreu o branqueamento e masculinização, acentuando a ordem dos papéis sociais de gênero.

Nas casas dirigidas por mulheres, elas encontram saídas para as necessidades masculinas, como os rituais de sacrifício de animais e a tarefa de tocar tambores, contratando homens para esses trabalhos específicos. Algumas casas valem-se da presença de um ou dois homens, suficientes para essas “tarefas masculinas”. No entanto, nas casas dirigidas por homens, a presença das mulheres é muito mais necessária. Nas religiões afro-brasileiras, não é concebível um ritual público com apenas homens fazendo a roda e conforme Patrícia Birman,

Os homens, não há dúvida, podem constituir famílias, construir relações consanguíneas e de aliança a partir da assunção do estatuto de pai, mas vão depender da presença das mulheres para constituir o terreiro como um grupo doméstico, que possa abrigar seus filhos e filhas, além de ser o local onde se realizam todos os ritos e obrigações (BIRMAN, 1995, p. 172-173).

Apesar do aumento de homens como sacerdotes nas lideranças, no campo pesquisado, as mulheres ainda somam a maior parte dos fiéis e são elas que conferem às casas a imagem das “baianas” que remetem às tradições. As mulheres oferecem a organização e apresentam a res-

peitabilidade necessária nos templos (BIRMAN, 1995). Mesmo em casas dirigidas por homens e com a presença expressiva de homossexuais masculinos, as mulheres exercem o papel da organização e do cuidado, naturalizados como femininos.

Também vale reforçar que independentemente de a liderança ser masculina ou feminina, os espaços dos terreiros, como são chamados os templos de tradições afro-brasileiras, são agregadores de mulheres e homens héteros e homossexuais, que manifestam suas opções sexuais de forma mais explícita devido ao *ethos* propiciador, para uma melhor forma de relacionamento com essas condições. No entanto, é importante frisar que a divisão do trabalho é organizada obedecendo à ordem de construção dos sexos e não a opção sexual. O campo informa que o sexo do sacerdote dirigente pode oferecer algumas distinções, contudo, os papéis sociais são demarcados pelos sexos e não pela sexualidade, reforçando as representações sociais dos papéis de gênero.

Fazendo um exercício reflexivo, pode-se dizer que as observações apresentadas servem para pensarmos em novas possibilidades de leitura sobre objetos que se apresentam em transformação pelas novas traduções e interpretações que são agregadas constantemente ao campo.

## Referências bibliográficas

- BASTIDE, Roger. **O Sagrado selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BASTOS, Ivana da Silva. A visão do feminino nas religiões afro-brasileiras. In: **Caos Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. n. 14. João Pessoa, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. I, II, s/d.
- BERNARDO, Terezinha. O candomblé e o poder feminino. In: **Rever - Revista de Estudos da Religião**. n.2, PUCSP, 2005. Disponível em <<http://www.pucsp.br/rever>>.
- \_\_\_\_\_. **A mulher no candomblé e na umbanda**. Dissertação. Mestrado. São Paulo: PUCSP, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Negras, mulheres e mães**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilo criando gêneros**. Rio de Janeiro: Relume Dumará e Eduerj, 1995.
- \_\_\_\_\_. A questão de gênero nos cultos afro-brasileiros. In: **Teologia da Síntese**. São Paulo, 2010, p. 50-56.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Violência de Cultura, pistas para uma leitura teológica da cultura religiosa de violência. In: VV.AA. **Violência e Cultura**. São Bernardo do Campo: Metodista, 1996.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. São Paulo: UMF\Martins Fontes, 2008.
- FERRETI, Mundicarmo. **Matriarcado em terreiros de Mina no Maranhão**: realidade ou ilusão? Disponível em: <[www.gpmina.ufma.br](http://www.gpmina.ufma.br)>, acesso em mai 2007.
- GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HIRATA, Helena e SEGNI, Liliana (org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Senac, 2007.
- LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2002.
- LIMA, Marta Valéria de. **História e Estrutura ritual de um terreiro gege-nagô em Porto Velho-RO**. Disponível em <<http://www.primeiraversao.unir.br/artigo112.html>>, acesso em 13 jun. 2007.
- MENEZES, Nilza. **Arreda homem que aí vem mulher: representações da Pombagira**. São Paulo: Fortune, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Experiência Religiosa das Mulheres. In: MUS-SKOPF André S. e STROHER Marga J. (org.). **Corporeidade, etnia e masculinidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- OSÓRIO, Conceição. <http://www.wlsa.org.mz/>. Acesso em 06 jul. 2011.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, n. 16(2), jul/dez, 1990, p. 5-22.
- SEGATO, Laura. **Santos e Daimones**. Brasília: UNB, 1995.
- SOUZA, Maria Cecília Minayo (org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SOUZA, Sandra Duarte de. Entrecruzamento gênero e religião: um desafio para os estudos feministas. **Mandrágora**, n. 7/8, São Paulo: Umesp, 2001/2002.
- \_\_\_\_\_. Gênero e religião nos estudos feministas. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, 2004.